

Paulo Freire na Uniso

Aldo Vannucchi

No Colóquio sobre Paulo Freire, realizado na Uniso, em 17 de outubro de 2017, em lembrança dos 20 anos da morte do notável educador, tive o prazer de participar da mesa-redonda sobre a memória e a herança legadas por ele a esta Universidade.

Companheiro de trabalho seu em Genebra, no setor de educação do Conselho Mundial de Igrejas, ambos afastados do País pela Ditadura, devo, aqui, cercear os impulsos da amizade, para não me alongar demais neste depoimento. Meu objetivo, aqui, é apresentar dados concretos da nossa vivência universitária, marcados pela presença fecunda de Paulo Freire entre nós, presença não apenas de suas propostas, mas de sua própria pessoa.

Antes do Golpe de 1964

O Paulo Freire líder do movimento de alfabetização em terras nordestinas, já nos anos feridos pelo golpe de 1964 era alvo do interesse intelectual do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, embrião da Uniso. A proposta de uma educação crítica, apoiada no seu método de alfabetização, entusiasmava professores e alunos, embora evitassem, por cautela, qualquer ação ou manifestação pública voltada a essa prática.

Voltando do exílio

Esse recato político, porém, não esperou o fim do período de recessão. O próprio Paulo Freire, depois de 16 anos de expatriação, voltou ao País, em 1979 e, no ano seguinte, estava aqui conosco, em Sorocaba, a convite da nossa Faculdade de Filosofia.

A propósito, vale a pena ressaltar, de passagem, que Paulo muitas vezes comentou seu respeito a um professor seu, nos tempos de colégio, no Recife, Dr. José Pereira Cardoso, “professor brilhantíssimo”, que se mudou para Sorocaba, onde chegou a ser o primeiro diretor da nossa Faculdade de Direito.

“Paulo Freire ao Vivo”

Os laços de Paulo Freire com Sorocaba e com a nossa Instituição se firmaram em 1980, a partir do Projeto “Vivendo e Aprendendo”, pensado e efetivado pelo Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Esse projeto, que redundou no livro “Paulo Freire ao Vivo”, publicado pela Edições Loyola, em 1983, teve duas fases: a primeira com duas palestras introdutórias sobre a educação como prática de liberdade e conscientização, à luz da experiência de Paulo Freire, apresentadas pelo Prof. Wladimir dos Santos, sobre o aspecto metodológico, e por mim, acerca do seu embasamento filosófico. A segunda fase constituiu-se de três seminários coordenados pelo próprio Paulo Freire, em três semanas consecutivas.

1º Seminário (24/10/1980)

Nessa primeira noite, Paulo deixou claro que gostaria que cada um começasse a falar em função de sua prática e não em função de livros e nem mesmo a partir das obras dele. Travou-se assim um excelente papo de perguntas e respostas.

Depois de responder à pergunta sobre como ele via o Brasil, naquele momento ainda sob a Ditadura, mas com sinais de desenvolvimento da consciência histórica e política da população, Paulo defendeu que a educação é um ato político, na medida em que pode e deve ser uma prática de desvelamento e não de ocultação da realidade. Evidentemente, numa escola, numa Faculdade, nem todos os professores pensam igual; então precisa haver diálogo e, às vezes, até um pacto entre posições antagônicas.

A seguir, a parte mais longa desse seminário foi sobre o que fazer contra a descrença de muitos professores em relação à sua própria profissão. Paulo Freire, nessa altura, deu um depoimento lindo sobre a importância do professor:

Eu nunca me esqueço de uma carta que recebi no exílio, em Santiago, de um brasileiro que foi meu aluno de Língua Portuguesa, para quem eu dei aula falando de quê? [...] Falando do uso da crase, do infinito pessoal. E ele me dizia no final da carta: Jamais poderia me esquecer de ti, porque contigo, mais que as funções sintáticas do “se”, eu aprendi a aprender.

E concluía: “Qualquer um de nós tem a marca que a gente deixa, como eu tenho a marca que me deixaram”.

Para reforçar a importância do professor, ele insiste que, para fazer o que parece impossível, o jeito é fazer o possível hoje. E fala dos profetas, homens que viveram a realidade do seu tempo, na relação dialética entre paciência e impaciência. E acrescenta:

Um dos equívocos idealistas das posições equivocadamente cristãs está em romper essa dinâmica, em favor da paciência, cruzando os braços, deixando estar para ver como é que fica, porque dos pobres é o reino de Deus [...] O professor impaciente-paciente não esmorece nem com os limites que encontra na sua prática, como a remuneração salarial, nem com a miséria de vida da população sem salário, sem casa, sem comida.

A última questão levantada nesse Seminário foi analisar se não é uma utopia essa prática paciente-impaciente dos professores, proposta por Paulo Freire. Ele deixou claro que, preferindo o socialismo científico de Marx ao socialismo utópico, entende a utopia como uma relação dialética entre a denúncia da realidade e o anúncio da mudança necessária e possível. Tudo isso tem que ser visto e enfrentado dentro de cada situação. E Paulo concluiu pondo em destaque, como exemplo, o respeito pela religiosidade popular, nessa luta por mudanças.

2º Seminário (31/10/1980)

Duas notas de preâmbulo: se no primeiro Seminário, Paulo Freire externou respeito e gratidão por alguns professores do seu passado, neste dá especial destaque à esposa, Dona Elza, sua “primeira leitora” e também nos informa sobre o tempo de escrita do “Pedagogia do Oprimido” e o seu conteúdo.

A conversa se iniciou com dúvidas e explicações sobre a substituição da educação “bancária” pela educação problematizadora, libertadora. Sua primeira recomendação foi que os professores precisam reacender o espírito de curiosidade de quando eram crianças, para partir dessa curiosidade infantil, no esforço de praticar uma educação criadora, desinibidora, uma educação que não limite, nas crianças, o direito de perguntar, uma educação que, na prática, sugira à criança que ela jamais morra como criança, até porque ela precisa reconhecer sempre, na educação, existe autoridade também, para a criança crescer equilibradamente.

Quanto ao desenvolvimento da curiosidade, Paulo ponteiava que deve ser sempre a partir da realidade dos educandos – a favela, a cidade, a falta d’água, o salário... – É daí que pode nascer o conhecimento concreto, a conscientização, a participação social na mudança. É falso afirmar que o povo brasileiro é lúdico, brincalhão, não intelectual. Há traços culturais nessa direção, mas o

brasileiro fez e está fazendo sua história mais pela inteligência prática, pelo conhecimento transformador da sua realidade de vida, valorizando sua tradição oral. E esse conhecimento é sempre gerador de alegria, pois é com alegria que devem acontecer o ensinar e o aprender.

Um momento notável desse Seminário foi dedicado à exposição por Paulo da sua visão antropológica da educação. Ressaltou muito que o ser humano tem que ser visto como ser histórico e social e, por isso, não se pode partir sempre só da consciência individual para mudar a realidade, nem também explicar as transformações sociais de forma mecanicista. Em síntese, a educação não é puro ato da consciência nem puro ato material. Por outras palavras, não se nega o valor das ideias, mas elas só movem o mundo se envolvidas por uma prática.

Sobre o perigo do blabláblá acadêmico e elitista, Paulo recomendou o dever de desafiar os alunos, no começo do ano, durante o ano, o tempo todo e, ao mesmo tempo, levar os professores à prática da interdisciplinaridade, mediante estudos e debates de textos de interesse comum a vários cursos.

3º Seminário (07/11/ 1980)

Esse Seminário, de densidade extraordinária, focou dois temas fundamentais na obra de Paulo Freire: Alfabetização de adultos e Revolução Cultural.

Quanto ao primeiro tema, Paulo insistiu: não pode ser entendido e praticado na base do *be a bá nem* como transferência de conhecimento da palavra do alfabetizador ao alfabetizando. Qualquer pessoa, pelo simples fato de que fala, pelo simples fato de que trabalha ou está procurando emprego, tem competência linguística. Pode falar “errado”, mas não é ignorante. Ninguém ignora tudo e ninguém sabe tudo. No fundo, a boa alfabetização é a prática de uma teoria do conhecimento que parte do conhecimento de algo concreto, da palavra “favela”, por exemplo. Aí nesse processo de alfabetizar, os dois, alfabetizador e alfabetizando aprendem.

Quanto à Revolução Cultural, Paulo Freire, distinguindo-a de golpe, enfatizou que a entende como a transformação radical da sociedade, atingindo o que Gramsci chamava de superestruturas: o Direito, a Educação, as Artes... Nesse contexto, lembrou também Amílcar Cabral, líder da libertação da Guiné-Bissau, que sabia avaliar a luta armada com os guerrilheiros e introduzia na análise da luta toda uma teoria da História e da Cultura. Sabia também respeitar as práticas mágicas, supersticiosas daquela população. E Paulo conclui: *“A compreensão de como*

as massas populares se compreendem, como criam e recriam, como se fazem e se refazem, para mim é absolutamente indispensável a uma revolução verdadeira”.

Na sequência, perguntado se a sua proposta educacional era político-partidária, a resposta foi clara: é tão político-partidária como o Mobral. Não existe neutralidade.

Solicitado, depois, a contar um pouco de sua vida, enfatizou sua infância muito pobre. Não passou fome, mas ela rondou sua casa. Alongou-se em sua origem cristã e, ao contrário dos que o acusam de marxista, declara que quanto mais lê Marx, mais cristão se torna, mas fugindo do que é simplesmente religioso e mágico. E não se deve acreditar que a luta de classes é invenção de Marx. Ela está na realidade brasileira, dentro do nosso sistema econômico, político e social que precisamos superar um dia, como superamos, no passado, o sistema colonial português. E aí entra a revolução, que não se faz por decreto nem por discursos, mas por um demorado processo de superação do sistema econômico, político e social que está aí em vigor. E a revolução cultural deve acompanhar e fundamentar também esse processo revolucionário.

Paulo Freire petista com petistas (07/11/1981)

Um ano depois dos seminários que Paulo realizou na Faculdade de Filosofia, ele voltou ao mesmo local, a convite do Partido dos Trabalhadores e da Apeoesp, para uma palestra muito concorrida. Dela vão aqui os principais tópicos.

Depois de se apresentar como petista recentemente inscrito no partido, mostrando-se muito confiante no futuro de sua proposta para a real democratização do País, Paulo expôs primeiro alguns pontos fundamentais de como ele entende a alfabetização e a educação popular, para apresentar, na sequência, 12 *slides*, usados por ele, antes do golpe 1964. Por fim, abriu os debates.

Sobre a alfabetização, ele insistiu que é um ato político a ser assumido com clareza e com a coerência de quem alfabetiza pelo diálogo e não encarando o alfabetizando como mero recipiente do seu discurso. Por outras palavras, o alfabetizando é o sujeito dessa ação e não o objeto do alfabetizador. O alfabetizando tem que ser o criador da montagem do seu sistema gráfico de sinais, porque não existe analfabetismo oral.

Outro ponto fundamental explanado por Paulo foi a indissociabilidade de pensamento linguagem e realidade. É preciso partir do universo vocabular das pessoas, das suas palavras mais

usuais, ligadas à vida concreta. Essas serão as palavras geradoras no processo de alfabetização. Trabalhando com ela, o educador pode ajudar os alunos adultos a vencerem tanto o fatalismo, aquela ideia de que as coisas são assim mesmo e não é possível mudá-las, como a própria timidez de falar.

A segunda parte da palestra foi de apresentação de 12 *slides* usados por Paulo, antes do golpe de 1964, com os quais o educador realizava não uma conferência, mas uma apresentação, ou melhor, uma provocação de problemas e ideias da vida concreta das pessoas e dos passos a serem dados na alfabetização, de acordo com a sua metodologia. Pelos quadros apresentados, ressalta-se que os alfabetizandos já têm a sua leitura do mundo e é a partir dela que chegarão à escrita.

A última parte da palestra foi de perguntas que Paulo foi respondendo, acentuando **1)** que a sua proposta envolve sempre e é um processo político não partidário; **2)** que os intelectuais trabalham com conceitos, enquanto a massa popular parte sempre da realidade, descreve o concreto e não o conceito do concreto; **3)** que é preciso estimular o poder criativo da classe popular e não inibir; **4)** que a educação sozinha não opera a transformação social do Brasil, mas sem ela não há transformação; **5)** a revolução social se faz com a massa e não com meia dúzia de pessoas; **6)** que o Mobral não abre o caminho correto, embora muitos que trabalharam com ele fossem pessoas bem intencionadas; **7)** que, na questão indígena, o problema não é todo mundo virar índio nem todos os índios se tornarem brasileiros brancos; o essencial é respeitar a sua identidade cultural; **8)** que a maturidade da esquerda nacional só acontece na luta política, até porque há várias esquerdas, enquanto a direita é sempre uma, monolítica, porque não quer perder o poder; **9)** que o caminho mais viável para um programa de alfabetização popular não se faz só pelo governo ou pelos partidos, mas pelo próprio povo motivado e ativado por essa mudança revolucionária.

Centro de estudos pedagógicos Paulo Freire

Em 26 de junho de 1985, Paulo Freire voltou à Faculdade de Filosofia. Por movimento dos próprios alunos, fora criado um Centro de Estudos dentro do Curso de Pedagogia que passou a ter como inspiração o nome de Paulo Freire.

A inauguração foi marcante, pela presença do homenageado e, sobretudo, pela sua excelente e concorrida palestra.

Paulo Freire no Proeja da Uniso

Desde 1998, a Uniso mantém, como uma das suas principais atividades de extensão, o seu Programa de Educação de Jovens e Adultos, atenta ao cumprimento de sua missão: **“Ser uma universidade comunitária que, através da integração de ensino, da pesquisa e da extensão, produza conhecimentos e forme profissionais, em sorocaba e região, para serem agentes de mudanças sociais, à luz de princípios cristãos”**.

O Programa, além de levar jovens e adultos a se alfabetizarem, oferece-lhes a possibilidade de conclusão do Ensino Fundamental, assegurando uma formação básica, indispensável para o exercício da cidadania, **uma “educação transformadora” (Paulo Freire). Um currículo flexível e o respeito às diferenças culturais e individuais são a base de uma pedagogia do diálogo.**

Assim, discutindo **a importância política do ato de ensinar, o educador trabalha dialogicamente, a partir do universo vocabular do aluno, partindo das suas experiências de vida, de sua leitura do mundo, para depois refletir sua postura perante este, problematizando e estimulando a curiosidade em aprender, proporcionando ao educando o papel de sujeito da ação pedagógica.**

O currículo/conteúdo do programa passa, em sala, por uma série de processos, cujo objetivo social é possibilitar ao educando a compreensão de sua vida concreta. Porém, a leitura do mundo precede a leitura da palavra: “A leitura e escrita da palavra implicando uma re-leitura mais crítica do mundo como ‘caminho’ para ‘re-escrevê-lo’, quer dizer para transformá-lo” (FREIRE, 2002, p. 44).

Vale notar que os professores do Programa têm como básica e obrigatória as principais obras de Paulo Freire, como a “Pedagogia do oprimido”, “A importância do ato de ler”, a “Pedagogia da autonomia” e a “Educação como prática da liberdade”.

Fazem parte do Programa alunos de dez cidades: Alumínio, Araçariguama, Araçoiaba da Serra, Boituva, Itapetininga, Mairinque, Pilar do Sul, São Roque, Sorocaba e Tatuí.

Paulo Freire na Pós-Graduação

O Colóquio celebrado em outubro passado sobre a obra de Paulo Freire, por iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso, mostra que se trata de um Programa atento às provocações pedagógicas do ilustre educador.

Para comprová-lo, basta relembrar três dissertações e teses aqui defendidas nos últimos anos, como:

- Tese de Doutorado: **As contribuições do Mestrado em Educação da Uniso aos professores de educação física**, defendida em 2014, por Maurício Massari. Esta tese tem Paulo Freire como um de seus referenciais teóricos.
- Tese de Doutorado: **Entre retalhos cotidianos, práticas discursivas e drogas: perspectiva ecologista da educação**, defendida em 2015, por Adriana Rosmaninho Caldera de Oliveira. Esta tese é fundamentada nos pensamentos de Foucault e Paulo Freire.
- Dissertação de Mestrado: **Cartas em 3 atos: Paulo Freire, Angel Vianna e o cotidiano escolar**, defendida em 2016, por Laura Helena Jamelli de Almeida.
- Tese de Doutorado: **Cartas para Paulo Freire e sua rede: o cotidiano de extensão em universidade comunitária**, defendida em 2017, por Ariane Diniz Silva.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VANNUCCHI, Aldo (Org.). **Paulo Freire ao vivo**. São Paulo: Loyola, 1983.

Aldo Vannucchi
Uniso | Assessor especial da Reitoria
Sorocaba | SP | Brasil. Contato: aldo.vannucchi@uniso.br
ORCID 0000-0002-6902-5463